

A contribuição da Gestalt para o problema da atenção na *Fenomenologia da Percepção*

Gestalt's contribution to the problem of attention in the Phenomenology of Perception

Brenda Cardoso Soares¹
PUC-SP²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo explicitar a contribuição da psicologia *Gestalt* para a discussão do problema da atenção presente na *Fenomenologia da Percepção* (1945) de Maurice Merleau-Ponty. Para isso, iremos primeiramente mostrar como o fenomenólogo francês apresenta a atenção como um dos prejuízos clássicos que recaem sobre o dualismo empirismo-intelectualismo que permeiam todo o cenário psicológico e filosófico desenvolvido entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Depois exploraremos uma relação ainda negligenciada na fenomenologia, a que existe entre Aron Gurwitsch e Merleau-Ponty e como esta relação pode trazer aportes importantes para o debate acerca da atenção. Por fim, evidenciaremos como Merleau-Ponty utiliza elementos específicos da *Gestalt* como ferramentas para sua abordagem fenomenológica.

PALAVRAS-CHAVE

Fenomenologia; Atenção; Merleau-Ponty; Gurwitsch; Gestalt

ABSTRACT

The present paper aims to elucidate the contribution of Gestalt psychology to the discussion of the problem of attention in Maurice Merleau-Ponty's *Phenomenology of Perception* (1945). In order to demonstrate this, the following discussion will firstly present the manner in which the French phenomenologist presents attention as one of the classic prejudices of the empiricism-intellectualism dualism that permeated the entire psychological and philosophical landscape developed between the second half of the 19th century and the first decades of the 20th century. The subsequent discussion will address a relationship that has been overlooked in phenomenology: that between Aron Gurwitsch and Merleau-Ponty. The discussion will explore how this relationship can make significant

¹ E-mail: brendacsoares@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0976-5064>

² Bolsa Pós-Doc Fapesp processo [2025/03041-7](#)

contributions to the debate on attention. Finally, we will demonstrate how Merleau-Ponty employs specific Gestalt elements as instruments to support his phenomenological approach.

KEYWORDS

Phenomenology; Attention; Merleau-Ponty; Gurwitsch; Gestalt

1 INTRODUÇÃO

O problema da atenção e da percepção sempre estiveram interligados ao longo da história da filosofia, levando a uma pergunta fundamental: nos atentamos ao que percebemos ou percebemos o que nos atentamos? Merleau-Ponty dá um passo atrás a essa pergunta e apresenta a atenção - juntamente ao juízo na introdução da *Fenomenologia da Percepção* (1945) - como o que ele chama de um prejuízo clássico. A atenção até então era trabalhada até então - tanto por psicólogos quanto por filósofos - como uma função unitária e sua origem poderia ser entendida a partir de duas opções: empirismo ou idealismo. Isso significa que ou a explicação era dada via apreensão de estímulos objetivos ou era resultado da ação de uma subjetividade que organizava e a direcionava via reflexão. Em busca de uma alternativa para essa dualidade, Merleau-Ponty encontra na *Gestalt* uma nova forma de vislumbrar a atenção e, por sua vez, a percepção.

Há sem dúvidas muita literatura disponível sobre a *Fenomenologia da Percepção* e até mesmo sobre a atenção, mas poucas buscam o resgate das referências merleau-pontyanas além de Husserl e Descartes. Fredricksson (2022) é uma exceção e nos apresenta uma “genealogia da atenção”, inserindo William James e Aron Gurwitsch, como antecessores nessa discussão e referências importantes para Merleau-Ponty. Segundo Fredricksson (2022, p. 2), “Enquanto James entendia a atenção como uma força contrária à distração, Gurwitsch e Merleau-Ponty enfatizavam a atenção como uma modalidade criativa...”³. Nossa proposta vai nesta última direção, porém destacando a *Gestalt* como fio condutor.

Os primeiros capítulos que compõem a introdução da obra revelam como o filósofo francês enxerga o “estado da questão” em relação as propostas de compreensão dos fenômenos, principalmente em relação à psicologia. O próprio autor deixa claro que acompanhar e entender o desenvolvimento da psicologia é fundamental não só para entender a sua proposta como a fenomenologia transcendental de maneira geral.

Eis por que devíamos começar pela psicologia uma investigação sobre a percepção. Se não o tivéssemos feito, não teríamos compreendido todo o sentido do problema transcendental, já que não teríamos seguido metodicamente os passos que conduzem a ele a partir da atitude natural. Era preciso que frequentássemos o campo fenomenal

³ “Whereas James understood attention as a counterforce to distraction, Gurwitsch and Merleau-Ponty emphasized attention as a creative modality: our propensity to be present for things and events yet unknown and alien to us”. (Tradução nossa)

e travássemos conhecimento, por descrições psicológicas, com o sujeito dos fenômenos, se não quiséssemos, como a filosofia reflexiva, situar-nos de imediato em uma dimensão transcendental que teríamos suposto eternamente dada a deixar escapar o verdadeiro problema da constituição. (Merleau-Ponty, 2011, p. 98)

Dito isto, acreditamos que existem duas abordagens proveniente da *Gestalt* que são fundamentais para o aporte merleau-pontyano. A primeira é a metodologia que privilegia a descrição direta, na qual se prioriza a compreensão do fenômeno em sua totalidade e não na explicação a partir da decomposição de suas partes e a segunda é a relação figura-fundo, da qual não existe uma figura isolada, ela é apenas percebida enquanto emergindo de um fundo que contribui para seu sentido. Essas duas contribuições não chegam a ser uma novidade, é verdade. Mas talvez o que seja menosprezado sejam as influências que possibilitaram um melhor entendimento de Merleau-Ponty à aplicação dessa abordagem na fenomenologia e a profundidade e importância dessas propostas dentro de um cenário em que a psicologia era dominada pelo naturalismo e atomismo da sensação, com prejuízos que também permeavam abordagens antinaturalistas e idealistas. Sem dúvida, só é possível uma fenomenologia da percepção porque a *Gestalt* forneceu uma base crítica possível tanto do ponto de vista empírico quanto ideal. Essa exposição de dualismos para então criticá-los é uma marca registrada de Merleau Ponty.

89

Esta dupla crítica atravessa toda a Fenomenologia da Percepção, cujos capítulos se organizam segundo um ritmo imutável. Depois de descrever um campo de experiência determinado, tendo em conta os resultados da psicologia da Gestalt, Merleau-Ponty denuncia a inadequação da hipótese intelectualista e faz-nos notar a irreducibilidade da experiência vivida aos atos de uma consciência constituinte⁴. (Barbaras, 2004, p. 5)

No caso da atenção não seria diferente. Para entender ao que a Gestalt e, conseqüentemente, Merleau-Ponty se opõem, precisamos revisitar os dois principais modelos da atenção: o objetivismo advindo do atomismo da teoria da sensação, defendido pelas ciências naturais e psicologia, e o subjetivismo defendido por Descartes, Kant e Husserl. Estas duas alternativas apenas parecem antagônicas, porém o que Merleau-Ponty (2011, p. 69) nos mostra é que “O parentesco entre o intelectualismo e o empirismo é assim muito menos visível e muito mais profundo do que se crê”. Os dois prejuízos se reforçam e se complementam.

⁴ “This double critique cuts across the entire *Phenomenology of Perception*, whose every chapter is organized according to an immutable rhythm. After describing a field of determinate experience while taking into account the results of Gestalt psychology, Merleau-Ponty denounces the inadequacy of the intellectualist hypothesis and make us take note of the irreducibility of lived experience to the acts of a constituting consciousness” 9Tradução nossa)

2 O OBJETIVISMO DA HIPÓTESE DA CONSTÂNCIA

A fenomenologia – principalmente a husserliana – é marcada pelo antinaturalismo, ou seja, opõe-se ao método das ciências naturais para descrever a estrutura e os atos da consciência. Esta é uma reação apropriada, visto que a psicologia ao longo do século XIX sofre um processo de naturalização e quantificação de seu método e resultados que partem da possibilidade de aplicar a matemática na psicologia com Herbart, passam pela descoberta e aplicação da Lei de Fechner e culmina na construção do emblemático laboratório de Wundt em 1870, o primeiro laboratório de psicologia.

Merleau-Ponty que possui um vasto conhecimento do cenário da psicologia de sua época nos prepara um roteiro em sua *Fenomenologia da Percepção* que começa com uma discussão sobre a sensação para só depois adentrar na discussão sobre atenção. Isso ocorre porque é sobre a possibilidade de quantificar a sensação que se constrói todo o pressuposto objetivista, sendo, por isso, o primeiro item a ser desmistificado. O filósofo francês, no entanto, não é pioneiro nesse questionamento. A Gestalt, mais precisamente, a psicologia Gestalt desenvolvida pela Escola de Berlim, é uma das grandes referências merleau-pontyanas.

Em 1913, Wolfgang Köhler, um dos teóricos da Gestalt, publica o artigo *On unnoticed sensations and errors of judgment*. Neste, Köhler introduz o termo hipótese da constância, que nada mais é a hipótese de que há uma relação constante entre estímulo objetivo e sensação, e faz críticas apontando a limitação dessa metodologia. Segundo o teórico,

As correlações entre estímulos e sensações foram encontradas pela primeira vez em condições específicas e dentro de certos limites; aqui pareciam manter-se sem exceção. Um grande número de psicólogos ainda está inclinado a aceitar estas relações mesmo quando não temos provas para elas (e talvez não possamos produzir nenhuma). Este desejo de constância destas relações aparece mesmo nos casos em que a observação direta se opõe definitivamente a isso⁵. (Köhler, 1971, p. 14)

Köhler afirma que ao ampliarem o espectro das experiências que tentam validar a hipótese da constância fica evidente que não há uma equivalência exata entre o estímulo objetivo e a forma como percebemos. Porém de alguma forma a hipótese da constância continuou sendo mantida ao se apoiar em hipóteses auxiliares como sensações que não seriam notadas ou erros do juízo. Daí é possível compreender o motivo pelo qual Merleau-Ponty une a atenção e o juízo num mesmo capítulo dos

⁵ “Correlations between stimuli and sensations were first found under specific conditions and within certain limits; here they seemed to hold without exception. A large number of psychologists are still inclined to accept these relations even where we have no evidence for them (and perhaps cannot produce any). This desire for constancy of these relations appears even in cases where direct observations speak definitely against it.” (tradução nossa)

prejuízos clássicos, são as duas “muletas” que de forma complementar possibilitam a esta hipótese.

Poder-se-ia mostrá-lo estudando a história do conceito de atenção. Ele se deduz, para o empirismo, da “hipótese de constância”, quer dizer, como nós explicamos, da prioridade do mundo objetivo. Mesmo se aquilo que percebemos não corresponde às propriedades objetivas do estímulo, a hipótese da constância obriga a admitir que as “sensações normais” já estão ali. É preciso então que elas estejam despercebidas, e chamar-se-á de atenção a função que as revela, assim como um projetor ilumina objetos preexistentes na sombra. (Merleau-Ponty, 2011, p. 53)

É dessa forma que a atenção que parte do pressuposto que a sensação é equivalente a um estímulo objetivo aparentemente captado por setores periféricos demanda a ação do sistema central. A sensação captada objetivamente só se desenvolve em percepção quando a consciência direciona a atenção para elas e revela o que até então não havia sido notado. Essa foi uma hipótese aplicada em diversas teorias por diferentes filósofos, como por exemplo Helmholtz⁶ em sua teoria de “signos locais”, na qual a sensação funcionava como um signo do estímulo objetivo, um efeito que a qualidade externa imprimia no aparelho sensorial, mas que ainda precisava ser organizado pela consciência.

Outro filósofo que também se utilizou dessa teoria foi Carl Stumpf, para ele, quando escutamos um acorde (a fusão de duas ou mais notas distintas) percebemos apenas um som e não as notas individuais, porém como explica Köhler (1971, p. 21), “Segundo Stumpf, é possível, por meio de um direcionamento adequado da atenção, fortalecer tons fracos que soam juntos com outros”⁷. Ou seja, se nossa atenção fosse corretamente direcionada seria possível decompor o acorde em cada uma das notas utilizadas. Stumpf é um exemplo importante porque ao mesmo tempo que foi professor dos mais importantes teóricos da Escola de Berlim não aderiu à noção de Gestalt praticada por estes, o que marca um corte e uma mudança de paradigma em relação à atenção.

Köhler e a *Gestalt* abrem espaço para repensar as bases experimentais e teóricas de uma teoria da atenção. A fim de não recair no erro da psicologia clássica, a Escola de Berlim adota a metodologia descritiva, garantindo a observação direta dos fenômenos, pois, segundo Köhler (1971, p. 20), “Tal investigação levaria, é claro, também à descrição fenomenológica e ao tratamento teórico do campo visual, o que

⁶ “die Qualität der sinnlichen Empfindung hauptsächlich von der eigen thümlichen Beschaffenheit des Nervenapparats abhängt, erst in zweiter Linie von der Beschaffenheit des wahrgenommenen Objects. Zu dem Qualitätenkreise welches Sinnes die entstehende Empfindung gehört, hängt sogar gar nicht von dem äusseren Objecte, sondern ausschliesslich von der Art des getroffenen Nerven ab. Welche besondere Empfindung aus dem betreffenden Qualitäten kreise hervorgerufen wird, erst dies hängt auch von der Natur des äusseren Objectes ab, welches die Empfindung erregt”. (Helmholtz, 1867, p. 194) (tradução nossa)

⁷ “According to Stumpf, it is possible by suitable direction of attention to strengthen weak tones that are sounded together with others”. (tradução nossa)

contradiria o pressuposto básico da psicologia em questão”⁸. Nesse cenário, a ideia de uma fonte de estímulos que podemos afirmar ser constantes é uma abstração. Isso ocorre porque há uma correlação entre o aspecto subjetivo e objetivo. Então não só é impossível ter acesso a cada estímulo isolado para saber se ele permanece o mesmo, mas também é impossível não levar em conta a forma como algo é percebido, o que leva a discussão para além da objetividade da relação estímulo-resposta. Merleau-Ponty concorda com a crítica.

Para reatá-la à vida consciência, seria preciso mostrar como a percepção desperta a atenção, depois como a atenção a desenvolve e a enriquece. Seria preciso descrever uma conexão interna, e o empirismo só dispõe de conexões externas, só pode justapor estados da consciência. (Merleau-Ponty, 2011, p. 54)

Não sentimos estímulos objetivos constantes, mas percebemos a forma como eles se doam para nós. Há uma rede de relações internas no percebido que pressupõe uma totalidade, uma nota musical em meio a uma melodia possui uma conexão intrínseca com todas as outras e por isso é impossível de ser percebida isoladamente. Da mesma forma, do ponto de vista subjetivo, não percebo uma nota justaposta à outra para que sejam conectadas pela minha consciência, percebo a unidade fenomenal que é a melodia, ultrapassando o atomismo da sensação.

Merleau-Ponty parte de uma metáfora sempre presente nas discussões sobre a atenção, a do holofote, para explicitar os limites das teorias sobre o assunto.

Uma metáfora comum para o funcionamento da atenção - de Wilhelm Wundt a Edmund Husserl e, mais tarde, às teorias contemporâneas da percepção - é a de um holofote que ilumina algumas partes do mundo e deixa outras partes às escuras. Assim, é entendida como a modalidade seletiva e focalizada da percepção⁹. (Fredricksson 2022, p. 1)

Seguindo a lógica empirista, na qual prevalece a objetividade do mundo, a atenção atuaria como a luz advinda de um holofote, a partir da qual não se constitui nada, apenas revela-se o que já existe de forma constante, porém fora do foco de nossa percepção, ou seja, alheio à nossa atenção. A questão que permanece sem resposta nesse caso é: o que causa a mudança de direção do holofote? Porque se a luz é a mesma e os dados são constantes não há como algo despertar nossa atenção.

⁸ “Such an investigation would, of course, lead also to phenomenological description and theoretical treatment of the visual field which would contradict the basic assumption of the psychology in question”. (tradução nossa)

⁹ “A common metaphor for the workings of attention—from Wilhelm Wundt to Edmund Husserl and further on to contemporary theories of perception—is that of a spotlight which illuminates some parts of the world and leaves other parts in the dark. Thus, it is understood as the selective and focusing modality of perception”. (tradução nossa)

3 O INTELCTUALISMO E A SUBJETIVIDADE PURA

Se existe uma relação constante entre estímulo objetivo e sensação no empirismo, no intelectualismo o problema é oposto, porém complementar. “O intelectualismo, ao contrário, parte da fecundidade da atenção: já que tenho consciência de obter por ela a verdade do objeto...”. Em uma lógica dualista a argumentação do intelectualismo seria defender que se a resposta não está no objeto, porque não há como dados constantes despertarem a minha atenção, ela deve estar no sujeito que direcionaria o holofote.

Antes de continuarmos é necessário esclarecer que a grande referência – apesar de não ser a única – da corrente intelectualista a qual Merleau-Ponty se opõe na *Fenomenologia da Percepção* é o próprio Edmund Husserl. Mas não o Husserl de suas últimas publicações aos quais o filósofo francês teve acesso em primeira mão nos arquivos de Louvain. Trata-se especificamente de Husserl de *Ideias I* (1913). É nesta obra que Husserl descreve a estrutura das vivências intencionais em detalhes e introduz a noção de *hylé* e *morphé*, além de admitir como parte da estrutura da consciência a atuação de uma pura subjetividade, a qual tem como uma de suas principais atribuições o direcionamento dos atos de atenção.

Na ocasião, Husserl – após a realização da redução transcendental – ou seja, depois de suspender a atitude natural e ter acesso aos fenômenos totalmente purificados dos fatores objetivos pelos quais os naturalistas se apoiam, o filósofo alemão descreve a estrutura da consciência. Nesse cenário, ele pressupõe um terreno noético que se divide em dois estratos: um onde se encontra uma *hylé* (não intencional) e outro no qual se apresenta uma *morphé* (intencional). No primeiro, os dados sensíveis (dados *hyléticos*) servem de substrato material para a intencionalidade, caracterizada pelo momento intencional de “doação de sentido”, chamado por Husserl de “momento noético” (*noetisches Moment*) ou *noese*, que é operado pelo segundo estrato.

Aqui o problema da hipótese da constância, originado no objetivismo, aparece de forma indireta. Mas caso nos debruçemos sobre o assunto de formas mais cuidadosa é possível perceber como ele atua como base implícita do idealismo. É necessário que se pressuponha a ideia de que há matéria sensível constante (*hylé*) que sirva de base para a ação da consciência constituidora do sentido (*morphé*), proveniente da função iluminadora e esclarecedora da atenção. Merleau-Ponty (2011, p. 7) então nos alerta que, caso seja esse o cenário, o sujeito precisaria ter acesso ao objeto sem nenhum tipo de opacidade, “Um idealismo transcendental conseqüente despoja o mundo de sua opacidade e de sua transcendência”.

Uma derivação básica desse tipo de atuação é que não haveria espaço para erros de percepção. As ilusões de ótica, por exemplo, que foram temas de debate constantes, teriam sua percepção corrigida com um olhar atento. Como esclarece Merleau-Ponty (2011, p. 55), “assim, a filosofia não precisa considerar uma ilusão da aparência. A consciência pura e desembaraçada de todos os obstáculos que ela consentia em se criar, o mundo verdadeiro sem nenhuma mistura de devaneio estão à disposição de cada um”. Contudo, esta estrutura não condiz com a descrição da nossa experiência do

mundo. Uma ilusão de ótica não é percebida de forma diferente se olhamos para ela atentamente. Por exemplo: mesmo sabendo que factualmente as linhas da ilusão de Müller-Lyer possuem o mesmo tamanho, ainda as percebemos como desiguais. É necessário então explicar como percebemos algo que não condiz com o que é dado objetivamente, mesmo sabendo se tratar de uma ilusão; ou no caso do intelectualismo, explicar como percebo “errado” algo que eu mesmo constituí. Para Köhler (1971, p. 29), “Este é um fato surpreendente e só pode ser uma questão das características da própria percepção. Em última análise, toda a ‘ilusão’ deve estar enraizada nestas propriedades”¹⁰.

Alguém poderia dizer que basta isolar as linhas para perceber a igualdade existente sobre elas, porém isso não é equivalente a um olhar atento. Tematizar ou atentar-se a algo não é o mesmo que singularizar ou isolar este algo. O isolamento das linhas significaria apenas que quando apresentadas isoladamente, fora do seu contexto original, as linhas têm sua identidade fenomenal modificada: são outras linhas. Essa mudança de identidade é compreensível a partir da *Gestalt* porque o fundo do qual essas linhas surgem compõe o sentido na qual elas são percebidas. Ao isolarmos as linhas, temos acesso a um novo fundo e, por isso, dele emerge uma outra *Gestalt*. A atenção como poder geral e incondicionado não existe, o que há são diferentes fenômenos sendo percebidos diante dos seus respectivos contextos.

4 ARON GURWITSCH E A NOÇÃO DE CAMPO TEMÁTICO

Merleau-Ponty não foi o primeiro a utilizar a *Gestalt* para refutar a teoria da atenção na fenomenologia. Em 1929, Aron Gurwitsch publica a sua tese de doutorado na qual introduz a ideia de campo temático que contextualiza o tema. Até então apesar do termo campo ter sido ocasionalmente utilizado por Husserl, ele não possuía uma função tão determinada quanto em Gurwitsch. A relação entre atualidade e inatualidade, era definida respectivamente pelo binômio tema-horizonte. Gurwitsch é o primeiro a introduzir na fenomenologia a ideia de campo temático como uma inatualidade diferente da performada pelo horizonte e que influenciava a articulação do sentido do tema. A abordagem de Gurwitsch possui três grandes inspirações: a relação figura-fundo, defendida pela Escola de Berlim; a noção de foco e margem, introduzida por William James; e a correlação noética-noemática da fenomenologia husserliana, exposta em *Ideias I*.

No caso de Gurwitsch, ao contrário do que ocorre em Husserl, ao invés de termos uma atenção dirigida por uma pura consciência, temos o tema (noema, no linguajar husserliano) como centro da experiência fenomenológica, porém sempre relacionada a uma ou mais noeses. Deste modo, a variação de sentido de uma experiência não é guiada por uma pura subjetividade que aponta o raio luminoso da atenção, mas por diferentes relações entre o tema e seus respectivos campos temáticos, ou dito em termos da *Gestalt*: diferentes relações de figura-fundo.

¹⁰ “This is an astonishing fact and can only be a matter of the characteristics of the perception ‘tself. Ultimately the whole “illusion” must thus be rooted in these properties”.

Enquanto novos componentes emergem no campo temático, ou enquanto este se elucida, ou enquanto o que estava mais distante se aproxima, a ênfase dentro do campo se distribui diferentemente de modo que o campo varia em sua 'aparência'. Novos motivos, podemos dizer, tornam-se eficazes, e isso não deixa de influenciar os antigos. O campo temático em que o tema se situa sofre uma certa mudança; o tema agora é orientado de maneira diferente para aquele campo e inserido nele de maneira diferente¹¹. (Gurwitsch, 2010, p. 250).

Por exemplo, um objeto simples como um livro pode ter seu sentido modificado conforme sua relação com o campo seja alterado. Posso ver o livro em uma estante e ele se torna o tema da minha experiência porque preciso realizar uma consulta bibliográfica. Porém, é possível que eu tenha acesso a um sentido diferente quando o livro é tematizado como um degrau para pegar um objeto mais acima na estante. O sentido da experiência se transformou e não porque eu prestei mais atenção às características objetivas do livro ou porque minha consciência doou um novo sentido a este, mas porque a experiência demandou novas conexões internas entre o livro e seu campo. Segundo Gurwitsch, não só a relação entre tema com o campo temático mudou, mas nossa própria atitude em relação ao tema também é diferente, visto que a correlação noético-noemática continua vigente. Por esse motivo Gurwitsch rejeita a ideia da atenção como um poder geral e unitário:

Pelo contrário, o nosso argumento é que a atenção como um todo e em geral não existe no sentido de uma função unitária. Tal como o termo é habitualmente utilizado, atenção é um nome coletivo equívoco para vários fenômenos heterogêneos que devem ser distinguidos uns dos outros, cada um deles exibindo uma estrutura própria e apresentando problemas especiais¹² (Gurwitsch, 2010, p. 294)

O posicionamento de Aron Gurwitsch e a utilização da *Gestalt* certamente influenciaram Merleau-Ponty, tanto na proposta de uma multiplicidade de articulação advinda da relação figura-fundo, quanto em relação à crítica ao idealismo de uma subjetividade pura a Husserl, que deixa de ser a origem do raio luminoso, o qual corresponderia à atenção. Estes dois elementos têm conexão direta com a noção de atenção como prejuízo clássico que necessita de uma nova abordagem. No primeiro caso, Merleau-Ponty (2011, p. 58) afirma que "Prestar atenção não é apenas iluminar

¹¹ "While new components emerge in the thematic field, or while the latter is elucidated, or while what was farther away comes closer, the emphasis within the field is differently distributed so that the field varies in its 'looks.' New motives, we may say, become efficacious, and this is not without influence upon the old ones. The thematic field in which the theme is situated undergoes a certain change; the theme is now differently oriented to that field and differently inserted in it". (tradução nossa)

¹² "Rather our argument is that attention at large and in general does not exist at all in the sense of a unitary function. As the term is customarily used, attention is an equivocal collective name for several heterogeneous phenomena which must be distinguished from one another, each of them exhibiting a structure of its own and presenting special problems". (tradução nossa)

mais dados pré-existentes, é realizar neles uma articulação nova considerando-os como figuras". No segundo, elabora uma fenomenologia da constituição que parte da relação entre o que é figura e atual para consciência e o que é fundo e indeterminado.

Assim, a atenção não é nem uma associação de imagens, nem o retorno a si de um pensamento já senhor de seus objetos, mas a constituição ativa de um objeto novo que explicita e tematiza aquilo que até então só se oferecera como horizonte indeterminado. (Merleau-Ponty, 2011, p. 59)

Para Gurwitsch, não é que o horizonte deixe de ser inatual ou indeterminado, mas quando se trata-se da contextualização apenas o horizonte não é suficiente. É o campo que faz o intermédio da articulação entre o atual e o inatual. Ou como Gurwitsch coloca: "o campo temático é o horizonte aberto em relação ao tema"¹³.

Neste tópico a intenção não é tentar questionar a originalidade da contribuição de Merleau-Ponty na fenomenologia ou em relação ao problema da atenção. O objetivo é expor um momento da fenomenologia que geralmente é negligenciado, mas que tem forte articulação com o projeto merleau-pontyano. Nesse sentido é preciso ressaltar que Aron Gurwitsch foi o primeiro a utilizar a refutação da hipótese da constância, oriunda da *Gestalt*, tanto para reformar a ideia de como a psicologia da época trabalhava a noção de atenção, quanto na forma que o próprio Husserl em *Ideias I* valia-se dessa suposta constância amorfa.

96

5 GESTALT E A ATENÇÃO NA FENOMENOLOGIA DA PERCEÇÃO

A atenção apresentada como um prejuízo clássico por Merleau-Ponty está inserida numa discussão que perpassa uma série de tradições científicas e filosóficas que possibilitaram o posicionamento de Merleau-Ponty como oposição ou derivação. O fenomenólogo francês aponta o problema que se apresenta nas duas principais correntes: "O empirismo não vê que precisamos saber o que precisamos, sem o que não o procuraríamos, e o intelectualismo não vê que precisamos ignorar o que procuramos, sem o que, novamente, não procuraríamos" (2011, p. 56). Dito de outro modo, ou empirismo está certo e há uma constância em todos os dados da sensação e, sendo assim, não haveria nada que despertasse a nossa atenção, ou o intelectualismo está certo e sendo o sujeito transcendental responsável pela constituição dos objetos não haveria nada que motivasse a atenção. A *Gestalt* surge em Merleau-Ponty como uma alternativa a esse dualismo.

Contra essa concepção de um sujeito ocioso, a análise da atenção pelos psicólogos adquire o valor de uma tomada de consciência, e a crítica da "hipótese de constância" vai aprofundar-se em uma crítica da crença dogmática no "mundo", considerado como realidade em si no empirismo e como termo imanente do conhecimento no intelectualismo. A atenção supõe primeiramente uma transformação

¹³ "The thematic field is the horizon opened up with respect to the theme." (tradução nossa)

do campo mental, uma nova maneira, para a consciência de estar presentes aos seus objetos. (Merleau-Ponty, 2011, p. 56-57)

Esta nova maneira necessita de um campo nem objetivo e nem temático, exatamente os dois únicos sentidos em que a *Gestalt* havia sido explorada até aquele determinado momento. Aron Gurwitsch e Maurice Merleau-Ponty concordavam em um ponto crucial: a *Gestalt* não pode ser resumida à posição naturalista. Segundo Dillon (1997, p. 69), “Trabalhando de forma mais ou menos independente, eles chegam à conclusão de que a teoria da Gestalt não pode permanecer um naturalismo porque suas próprias premissas, se mantidas fielmente, exigiam a virada transcendental”¹⁴. Porém, há uma grande diferença de como ambos interpretavam esta virada transcendental. Até Merleau-Ponty, a reflexão e a tematização eram o ponto de partida do proceder fenomenológico. A reflexão porque se apresentava como a base para a redução fenomenológica. A tematização porque, até então, a intencionalidade se caracterizava como a direção da consciência a algo, ou dito comumente, “toda consciência é consciência de...”; ou seja, tematizar nada mais seria que a própria intencionalidade. Como vimos em Gurwitsch, a relação entre o ato intencional e o tema não é suficiente para garantir o sentido.

Enquanto Gurwitsch apela para um campo temático, seguindo uma estrutura objetivante, Merleau-Ponty dá um passo importante e propõe uma fenomenologia pré-reflexiva e pré-temática. Essa é uma solução reconhecida posteriormente pelo próprio Gurwitsch, na resenha que faz da *Fenomenologia da Percepção*, como uma grande contribuição.

Ao longo de todo este livro, Merleau-Ponty insiste na consciência pré-tética, pré-temática, pré-explícita, e apresenta-a em todos os fenômenos relacionados com a percepção. Nesta ênfase, vemos uma das mais importantes e - como, pensamos, o futuro mostrará - mais consequentes realizações do livro de Merleau-Ponty¹⁵. (Gurwitsch, 2010, p. 490)

Tal mudança obviamente reflete alguns aportes merleau-pontyanos ao projeto fenomenológico. O primeiro deles é abandonar a ideia de uma redução, que até Gurwitsch - inclusive com a utilização da *Gestalt* - era mantida. Segundo Dillon, Gurwitsch ainda se mantém de alguma forma idealista quando propõe uma paridade entre redução transcendental e a refutação da hipótese da constância.

¹⁴ “Working more or less independently, they arrive at the conclusion that Gestalt theory cannot remain a naturalism because its own premises, if they are faithfully maintained, required the transcendental turn”. (tradução nossa)

¹⁵ Throughout this book, Merleau-Ponty insists upon *pre-thetic, prethematic, pre-explicit consciousness*, and he sets it forth in all phenomena related to perception. In this emphasis, we see one of the most important and—as, we think, the future will show—most consequential achievements of Merleau-Ponty’s book. (tradução nossa)

Gurwitsch situa os fenômenos na esfera da imanência. E isso equivale a uma rejeição inequívoca da tese da primazia ontológica do fenomênico, pois considera os fenômenos como fundamentados em algo mais original, ou seja, na atividade constitutiva da consciência transcendental¹⁶. (Dillon, 1997, p. 70)

Merleau-Ponty (2011, p. 10) radicaliza ao afirmar que “o maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa”. Para o autor francês, a tentativa da redução como exercício é válida, mas é na sua impossibilidade que é revelado seu maior ganho: a nossa relação originária e indissociável com o mundo. Essa relação não se dá nem em termos objetivos e nem intelectualistas. Ou seja, não fazer a redução não é sucumbir ao naturalismo, mas admitir uma nova dimensão da experiência em que a nossa relação com o mundo não é sacrificada, pelo contrário, é nessa relação que se dá a constituição dos fenômenos.

Ora, é a partir do modelo destes atos originários que a atenção deve ser concebida, já que uma atenção segunda que se limitaria a trazer de volta um saber já adquirido, nos reenviaria à aquisição. Prestar atenção não é apenas iluminar mais dados preexistentes, é realizar neles uma articulação nova considerando-os como *figuras*. (Merleau-Ponty, 2011, p. 58)

98

É a partir da relação figura-fundo trabalhada pela *Gestalt* que Merleau-Ponty vê a potência criativa do que até então era chamado de atenção. Assim como Gurwitsch, Merleau-Ponty renuncia a atenção como uma função unitária e a aborda como a possibilidade de inaugurar novos campos, sejam eles visuais ou da consciência, os quais possibilitam a constituição de novos sentidos dos fenômenos. Não à toa, na *Fenomenologia da Percepção*, assim como o capítulo sobre a sensação antecede o da atenção, o da atenção antecede o do campo fenomenal. Em ambos os casos, tanto de um ponto de vista didático quanto filosófico, apenas desmistificando o prejuízo anterior é possível abrir espaço para inaugurar um novo sentido para o próximo.

6 CONCLUSÃO

Em sua *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty aponta contribuições da *Gestalt* para o debate sobre a atenção. Dentre estas há aquela de caráter negativo e as de caráter positivo. Num primeiro momento, a *Gestalt* fornece base para a refutação do objetivismo científico ao expor que temos acesso não a átomos da sensação que refletem de forma constante os estímulos recebidos. Em seguida, a *Gestalt* refuta a explicação intelectualista que o juízo corrige as disparidades das sensações ou constitui um sentido para além delas.

¹⁶ “Gurwitsch locates phenomena in the sphere of immanence. And that amounts to an unequivocal rejection of the thesis of the ontological primacy of phenomena because it regards phenomena as founded upon something more original, that is, the constitutive activity of transcendental consciousness”. (tradução nossa)

A disparidade entre as imagens retinianas, o número de objetos interpostos não age nem como simples causas objetivas que produziriam do exterior que produziriam do exterior a minha percepção da distância, nem como razões que a demonstrariam. (Merleau-Ponty, 2011, p. 80).

Para além das contribuições negativas, ela também fornece aspectos positivos. Ao articular o percebido não como desvelado pela atuação da atenção, mas como figura que sempre se articula em um fundo, a *Gestalt* amplia e aprofunda a descrição de nossa relação com o mundo. É com base na sua descrição direta dos fenômenos e tomando sempre como ponto de partida a relação que se origina entre quem percebe e o que é percebido, que a *Gestalt* inaugura a possibilidade de uma nova forma de investigação.

Foi justamente a *Gestaltheorie* que nos fez tomar consciência dessas tensões que, como linhas de força, atravessam o campo visual e o sistema de corpo próprio/mundo, e que os animam com uma vida surda e mágica, impondo aqui e ali torções, contrações, dilatações. (Merleau-Ponty, 2011, p. 80)

É necessário apontar que apesar de Merleau-Ponty reconhecer as contribuições da *Gestalt*, ele também está ciente das limitações dessa psicologia que por falta de uma revisão de suas categorias permanece aquém de uma discussão a nível transcendental. Porém, explicitar as restrições da *Gestalt* e descrever as soluções propostas por Merleau-Ponty não cabem no escopo do presente artigo. Por hora, nos limitamos em apresentar mais elementos que conduzam a uma maior apreciação de relações quase desconhecidas como a que existe entre Aron Gurwitsch e Merleau-Ponty, bem como a partir destas apresentar um horizonte mais completo, e talvez complexo, sobre a discussão do problema da atenção na *Fenomenologia da Percepção*.

99

REFERÊNCIAS

- ARVIDSON, P. S. *The Sphere of Attention: Context and Margin*. Springer: Dordrecht, 2006.
- ASH, M. *Gestalt Psychology in German Culture 1890-1967: Holism and the quest of objectivity*. New York: Cambridge University Press, 1998.
- BARBARAS, R. *The Being of the Phenomenon: Merleau-Ponty's Ontology*. Indiana University Press, 2004.
- FREDRIKSSON, A. *A Phenomenology of Attention and the Unfamiliar: Encounters with the Unknown*. 10.1007/978-3-031-14117-1, 2022.
- GURWITSCH, A. *Phenomenology of Thematics and of the Pure Ego: Studies of the Relation Between Gestalt Theory and Phenomenology*. In: KERSTEN, F. (ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973) II: Studies in Phenomenology and Psychology*. Dordrecht: Springer, 2010. p. 193-317. (Original publicado em 1929)
- HELMHOLTZ, H. *Handbuch der physiologischen Optik*. 1. ed. Leipzig: Voss, 1867.

HERBART, F. *Psychologie als Wissenschaft*. Bd. 1. Königsberg, 1824.

HUSSERL, E. *Ideas for a Pure Phenomenology and Phenomenological Philosophy: First Book: General Introduction to Pure Phenomenology*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2014.

JAMES, W. *The principles of psychology*. New York: Henry Holt and Company, 1918. v. 1. (Original work published 1890)

KÖHLER, W. *On unnoticed sensations and errors of judgement*. In: HENLE, M. (ed.). *The selected papers of Wolfgang Köhler*. New York: Liveright, 1971. p. 108–122. (Original work published 1913)

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Submetido: 24 de junho de 2025

Aceito: 23 de julho de 2025